



Educomunicação e Cidadania Comunicativa: relato do intercâmbio de saberes vivenciado na oficina de produção sonora¹

Luciano MATTANA²
Andiesca Bernardini BELL³
Diosen MARIN⁴
Shani CERETTA⁵
Rosane ROSA⁶

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Esse artigo relata o processo e a experiência na oficina de Rádio, que objetivou democratizar conhecimentos sobre produção sonora e direitos humanos. A metodologia utilizada foi a Educomunicação, que proporcionou um aprendizado mútuo, tanto para os acadêmicos que conviveram com pessoas de uma realidade social distinta, quanto para os participantes, alunos de escolas públicas da periferia de Santa Maria – RS que tiveram um espaço de exercício da cidadania comunicativa produzindo conteúdo e produtos sonoros de diferentes gêneros. Este aprendizado será utilizado principalmente na Radio-escola onde estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; cidadania comunicativa; rádio; direitos humanos; produção sonora.

INTRODUÇÃO

Os veículos de comunicação divulgam mensagens e acontecimentos que fazem parte do cotidiano dos jovens. Dessa forma, a Educomunicação pode contribuir para que

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Supervisor de Técnicas e Linguagem do Projeto, Mestre em Administração de Empresas pela UFSM. Prof Assistente do Dptº de Ciência da Comunicação da UFSM, e-mail: luciano.mattana@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social – Hab. Publicidade e Propaganda da UFSM, e-mail: andy_bello22@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social – Hab. Publicidade e Propaganda da UFSM, e-mail: diosen.hist@gmail.com

⁵ Estudantes de Graduação do Curso de Comunicação Social – Hab. Publicidade e Propaganda da UFSM, e-mail: haniceretta@gmail.com

⁶ Coordenadora do Projeto, Drª em Ciência da Informação e da Comunicação pelo PPGCOM-UFRGS. Profª Adjunta do Dptº de Ciência da Comunicação e do POSCOM da UFSM, e-mail: rosane.rosa@terra.com.br

Observação: Os acadêmicos Ettore Stefani de MEDEIROS, Daiane DACAS e Fernanda SCHERER também participaram deste trabalho.



os jovens construam um pensamento transformador e crítico perante o que assistem e presenciam e assim, possam lutar por seus direitos, intervindo na comunidade onde estão inseridos.

A partir disso, relata-se a experiência da oficina sonora que integra o projeto *Educomunicação e o Exercício da Cidadania Comunicativa*, financiado pelo edital Novos Talentos da CAPES, que visa proporcionar aos alunos de escolas públicas o acesso ao ambiente universitário, adquirindo conhecimento teórico-prático, neste caso, sobre a produção sonora, estimulando a criatividade e criticidade. Assim, poderão se apoderar das novas tecnologias e dos recursos da comunicação para depois, junto a suas comunidades serem eles também multiplicadores desse saber educacional (SOARES, 2002).

A oficina objetivou integrar a comunicação como uma ferramenta interdisciplinar capaz de estimular não só a aprendizagem dos sujeitos, como também, a sua participação social, política e ambiental na comunidade. Metodologicamente, trabalhou-se com a Educomunicação, conceito que além de integrar as palavras educação e comunicação, expande-se para a palavra ação. A educação é desenvolvida na medida em que se busca refletir e questionar o conhecimento crítico sobre os direitos humanos voltados para o cotidiano dos participantes. A comunicação está presente porque são trabalhadas atividades de teoria e prática radiofônica, importante meio do qual a comunicação educativa se utiliza. A ação, por sua vez, se manifesta pelo fato de se formar um esforço conjunto para que novas habilidades e pensamentos possam se desenvolver de modo coletivo e dinâmico. Por isso, justifica-se a opção pela Educomunicação porque ela permite a cooperação entre os participantes, durante todas as etapas do processo desenvolvido.

A principal temática abordada foi Direitos Humanos e a problemática do bullying, por ser esta uma prática e um tema presente na maioria das instituições de ensino. Logo, trabalhamos com algo que integra a realidade dos acadêmicos e dos alunos das escolas públicas. Assim, problematizamos, juntos, essa grande questão social que afeta, sobretudo, a população infanto-juvenil. Porém, para chegar à temática do bullying sem causar constrangimento, optamos por trabalhar primeiramente com questões sociais menos polêmicas, como: a doação de sangue, o direito à educação, a preservação do meio ambiente e a relevância social de uma Rádio Comunitária, o que facilitou a abordagem daquele com menor estranhamento. Esses elementos possibilitam



que os alunos pensem o mundo por um viés mais humanístico e altruísta, fatores que são coerentes com a problemática do bullying.

Após a abordagem desses conceitos, neste relato, apresenta-se por fim os diferentes conteúdos e peças produzidas e relata-se o processo desenvolvido nas oficinas de Rádio ministradas por acadêmicos de Publicidade e Propaganda na disciplina de Mídia e Políticas Públicas aos alunos do 7º ano do fundamental ao 2º ano do ensino médio das escolas estaduais: Augusto Ruschi e Instituto Padre Caetano. Descreve-se a abordagem técnica como: identificação das etapas de criação e produção de mensagens, os processos envolvidos em cada etapa e as diferentes atribuições do profissional em produção sonora.

POLÍTICAS PÚBLICAS, DIREITOS HUMANOS E BULLYING

Antes de nos atermos, especificamente, ao embasamento teórico para a realização do trabalho nas oficinas, é pertinente rememorarmos as principais definições do termo políticas públicas e atividades desempenhadas pelas políticas públicas sociais, a fim de justificar nossa inserção no projeto *Educomunicação e o Exercício da Cidadania Comunicativa*, edital Novos Talentos da CAPES.

Entre os componentes das políticas públicas, podemos destacar as políticas de defesa da cidadania, estabelecidas a partir da exposição dos direitos humanos fundamentais. A noção de defesa das políticas participativas de caráter emancipatório torna-se mais clara por meio da afirmação de Demo. “Participação é a alma da educação, compreendida como o processo de desdobramento criativo do sujeito social. Porque educar de verdade é motivar o novo mestre, não repetir discípulos”. (1994, p.41)

Este caráter de educação participativa e emancipatória das políticas sociais participativas está diretamente ligado à ação do Estado, ao promover o bem-estar e o desenvolvimento humano de seus cidadãos. Portanto, cabe a ele através das políticas públicas promover o bem comum garantindo os direitos básicos a todos os cidadãos.

Assim, percebemos que uma oficina de produção sonora também pode se relacionar às políticas públicas, na medida em que essa possibilita o aprendizado dialógico pautado em conhecimentos publicitários do meio radiofônico, o qual gera a inclusão dos participantes na sociedade, sobretudo quando aprendem sobre temáticas sociais, relacionadas ao cotidiano onde estão inseridos, proporcionando intervenções sociais. Neste sentido, por si justifica o seu desenvolvimento dentro do programa CAPES Novos Talentos: esta proposta consiste em trabalhar com políticas



participativas, integrando universidades e escolas, como um processo de qualificação na formação de cidadãos, já que tal posição é pertinente a qualquer proposta de aprendizagem.

Avançando, sobre a temática de bullying, reportamo-nos ao livro “Todos temos direitos”, uma produção coletiva de diferentes países, a qual visa atingir aos jovens, no intuito de conscientizar e exemplificar o que pode ser feito para que a justiça, a igualdade, a liberdade, a tolerância e a democracia prevaleçam.

Após a leitura desse livro, que discorre sobre Declaração Universal dos Direitos do Homem acompanhada de depoimentos e ilustrações de crianças e jovens de 45 países, nos atemos ao 5º artigo que reza “Ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes”. (1998, p. 90) A partir da apreciação desse artigo optamos, coletivamente, por trabalhar com a temática do bullying.

Na reflexão desse artigo, o livro apresenta um texto anônimo da República Tcheca, o qual descreve uma vivência de bullying, ainda que o autor não a nomeie como tal. Essa história é descrita como um exemplo de tortura e violência física e psicológica.

Meu amigo era o menorzinho do primeiro ano. Havia um menino mais forte que o maltratava todos os dias. Ele tomava o lanche do meu amigo e o comia, dizendo: “ajoelhe-se e lamba o chão”. Meu amigo chorava mais e se punha a lamber o chão, porque o outro gritava com ele. Os outros meninos riam. Por quê? Porque eram muito pequenos e novos? E por que o menino forte era tão mau? Ele não estava com fome. Porque fazia isso? Era ódio, inveja ou o quê? (1998, p. 28)

Em outra passagem do livro há o relato sobre um aluno alvo de agressão deste mesmo tipo, de quem o autor do texto e os outros alunos são testemunhas. Para nos aprofundarmos no entendimento desta temática, nos remetemos à definição da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, ABRAPIA, (2002), que caracteriza o bullying como: “todas as atitudes agressivas intencionais e recorrentes praticadas. Com a internet, o bullying ganha espaço também nas comunidades virtuais, aumentando ainda mais o transtorno das vítimas. A isso damos o nome de Cyberbullying”.

Segundo a mesma fonte, o bullying é mais comum entre os meninos. Porém, quando essa prática ocorre entre as meninas, as atitudes tomadas envolvem, principalmente, ações de exclusão e de difamação. Assim, o bullying pode ser praticado de duas maneiras: por agressão física ou por agressão moral.



A problemática do bullying sempre existiu, mas seus primeiros estudos datam de 1970, quando o professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen na Noruega, começou a estudar o processo de violência presente na relação entre os jovens do país. Seus estudos iniciam no ano de 1978 e se estendem até 1993.

No ambiente escolar nomeia-se as pessoas envolvidas nessa prática de diferentes formas: aluno alvos, aluno alvos/autores, autores, testemunhas. Alunos que convivem em um ambiente em que se pratica o bullying muitas vezes se calam pelo temor de ser a próxima vítima. Pesquisa feita pela ABRAPIA (2002) revela que 41,6% das vítimas de bullying nunca procuraram ajuda ou falaram sobre o problema, nem mesmo com os colegas.

Nesse contexto, um dos reflexos desta prática nos alunos-alvos, é a baixa auto-estima e até mesmo a adoção de um comportamento agressivo, ou seja, a repetição da prática sofrida resultando num círculo vicioso. Para os alunos que praticam o bullying, a tendência é levarem essas atitudes agressivas para a vida toda e desenvolverem um comportamento anti-social em seu ambiente de convivência. Já as testemunhas, devido ao ambiente de tensão, tornam-se pessoas inseguras, temerosas e com baixa auto-estima. Enfim, segundo os estudos feitos pela ABRAPIA (2002), tal prática afeta negativamente a vida de todos os indivíduos que se ligam a ele, e não apenas a do indivíduo alvo.

A ABRAPIA desenvolve um relevante trabalho objetivando sensibilizar a comunidade escolar, para a importância de dar apoio aos alunos vítimas de bullying, fazendo com que se sintam seguros para falar sobre a violência sofrida. Busca-se soluções para a redução do bullying na escola, demonstrando que é necessário intervir, imediatamente, tão logo seja identificada a existência de tal prática, bem como manter atenção permanente na relação entre os alunos e, também com a comunidade escolar.

EDUCOMUNICAÇÃO E RÁDIO

No processo de desenvolvimento de uma oficina de produção sonora, fundamentou-se a concepção de Educomunicação, presente no artigo *Educomunicação – O que é isso?*, de autoria de Donizete Soares (2006), que é apresentada como ferramenta educacional que gera bons resultados de aprendizagem. Ela é mais do que a união entre a palavra educação e comunicação, porque mantém o sufixo “ação”, o qual simboliza um verdadeiro esforço voltado à qualificação do ensino. Seu objetivo principal é alterar a realidade em que se vive, de tal modo que haja melhorias no cotidiano da sociedade.



De acordo com Soares, essa escolha gera relações sociais horizontais. Assim, os alunos e acadêmicos transmitiam de modo bidirecional os seus saberes. Logo, o diálogo foi essencial para a quebra da barreira entre osicineiros e os alunos beneficiados. Para tanto, havendo uma *conexão de saberes*, trabalhou-se em forma de círculo, fazendo perguntas provocativas aos alunos, de um modo que eles se sentissem seguros e confortáveis para se expressarem livremente. Já que a Educomunicação prega a solidariedade e cooperação, desenvolveram-se atividades de ação compartilhada entre os alunos e osicineiros.

A comunicação foi utilizada nas oficinas como meio do processo educativo. Além disso, a comunicação como ciência e prática permite que alunos interajam com o meio acadêmico e profissional, oportunizando perspectivas futuras. Sobre isso, Soares (2006) afirma que:

Entendemos que fazer educomunicação ou realizar práticas educomunicacionais, na medida em que isto quer dizer construir um novo discurso, é experimentar uma outra forma de convivência social. Aliás, a educomunicação, do nosso ponto de vista é, antes de tudo, uma proposta de organização social essencialmente diferente dessa em que estamos inseridos. (2006, p. 5)

Nestas perspectivas, o rádio cumpre um papel comunicacional e educativo, na medida em que possibilita novas formas de sociabilidade e divulga cultura e informação de interesse da comunidade, fornecendo entretenimento, conhecimento e, acima de tudo, o desenvolvimento da formação identitária. Este espaço possibilitou a produção de relevantes conteúdos comunicacionais e sociais aos alunos: um incremento crítico e emancipatório no pensar e agir cotidiano.

RÁDIO COMUNITÁRIA

A rádio comunitária é classificada como um importante meio comunicacional e educacional. Isto ocorre porque permite que temas, opiniões e discussões ocorram dentro de uma determinada comunidade, através da transmissão de ondas sonoras que atingem curtas distâncias.

Unindo-se à educação, a rádio comunitária é capaz de construir uma prática pedagógica. Tal prática capacita uma comunidade a entender o que se liga a ela, quais são seus potenciais e como pode ser melhorada a vida de seus moradores. Existe, portanto, uma ordem local que dá a noção de pertencimento, identidade e de união, que



permite um pensamento solidário e coletivo. Ao pautar em assuntos do cotidiano dos ouvintes, incentiva-se a reflexão, uma vez que é mais viável opinar, analisar e se apropriar do que está próximo, dando início a um embasamento intelectual e cidadão.

A rádio possibilita uma democratização comunitária da comunicação. O que antes parecia distante da realidade popular, agora pode ser vivenciado. Assim, a rádio influencia e é influenciada pelo fato de fazer reflexões sobre o dia-a-dia da comunidade, a sua melhoria e também a busca por novos meios de comunicação, nos quais a comunidade possa estimular ainda mais o seu potencial crítico para organização e mobilização na defesa de seus interesses. Como relata Cecilia Peruzzo, no artigo "Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil":

(Elas) Podem ser de caráter político-ideológico, de serviço comunitário, religioso, comercial, ligadas a interesses das minorias ou a movimentos sociais, ou simplesmente colocadas no ar com a intenção de oferecer uma programação alternativa, porém similar a das emissoras convencionais. No entanto, tem em comum a contestação aos sistemas de controle dos meios de comunicação de massa (1998, p. 3).

Na oficina ministrada, destacou-se o papel importante de uma rádio comunitária que trabalha de forma alternativa. O filme "Uma Onda no Ar", que conta a história da Rádio Favela de Belo Horizonte, foi exibido para exemplificar as especificidades e potencialidades desse meio apropriado pela comunidade. Além disso, utilizou-se a história da Rádio Favela com a finalidade de que participantes da oficina tivessem uma maior aproximação com o funcionamento de uma rádio comunitária. A história retrata a criação da rádio comunitária, mostrando o intuito dos criadores em dar voz à comunidade, promovendo a comunicação dentro da favela e gerando visibilidade para precariedades locais, como saúde e moradia. A rádio, que foi premiada pela ONU e reconhecida como rádio educativa, tem todas as suas fases representadas no filme, desde a sua criação até a sua consolidação.

Nos dois colégios onde os participantes da oficina estudam, há a rádio-escola, sendo que em um deles já está ativa e no outro, ainda em processo de implantação. Nesse aspecto, foi proposto que eles escrevessem algo de interesse próprio ou coletivo, que gostariam que fosse divulgado na rádio de suas escolas. Peruzzo explica, historicamente, o desencadeamento deste processo:

Num primeiro momento, as rádios livres eram constituídas por jovens interessados, antes de tudo, em praticar a arte da radiofonia, pouco ou nada envolvidos com “grandes causas” sociais ou políticas. Em muitos



casos, tratava-se de “uma curtição de roqueiros, como aconteceu em 1983, quando a cidade de Sorocaba foi palco de uma simpática eclosão de rádios ilegais, realizada por garotos cansados da mesmice das frequências moduladas oficiais. O negócio era muita música, uns recados para a sogra e umas paquinhas radiofônicas (1998, p. 8).

Romper com a “mesmice” das rádios comerciais é uma das funções da rádio comunitária ou escolar, fazendo com que a comunidade também tenha voz ativa, reivindicando direitos e melhorias na qualidade de vida. As vozes de organização, protesto e mobilização aparecem de maneira clara e direta. Assim, esse meio de comunicação é utilizado para promover mudanças de interesse da comunidade. A rádio tem uma grande importância na reconstrução da identidade de pessoas que moram em comunidades, por atingir uma população de baixa renda. Ela acaba mobilizando as pessoas e ganhando credibilidade, pois está próxima de sua realidade.

A partir daí, os participantes da oficina foram provocados a desenvolverem o senso crítico e analítico, exercitando a abordagem de questões e problemas da comunidade em que estão inseridos. Mais do que imaginar, eles tiveram que desenvolver o seu pensamento em um formato radiofônico que tivesse legitimidade frente à comunidade. Desse modo, incentivou-se que essa prática fosse aplicada em suas vidas, escolas e comunidades.

PROCESSOS PARTICIPATIVOS NAS OFICINAS E PRODUÇÃO SONORA

Identificar as etapas de criação e produção de mensagens sonoras, conhecer os processos envolvidos em cada etapa e reconhecer o papel do profissional em produção eletrônica sonora foram os passos que compuseram o plano de fundo da montagem de uma programação que permitisse o exercício de um pensamento reflexivo e social.

A metodologia escolhida foi a educomunicação, a qual permite estabelecer diálogos e compartilhar conhecimentos considerando as igualdades e diferenças. Tal método é adequado ao ser usado com jovens, visto que permite a participação ativa no processo de construção de conhecimento. A educomunicação objetiva que todas as vozes sejam ouvidas, tornando as experiências um bem comum e formando uma “ecologia de saberes”. Soares explica: "O que sentem e pensam as pessoas de si mesmas, dos outros e do mundo que as rodeia, não importando idade, sexo, credo ou condição social, por sua vez, são os conteúdos trabalhados na Educomunicação" (2006, pág.1).



Assim, desde o início da oficina, trabalhou-se nesta perspectiva dialógica com boa interação entre os alunos e oficinairos, a fim de que se formasse um ambiente de abertura comunicacional para que ambos manifestassem livremente as suas opiniões. Neste clima, houve uma abordagem conceitual e vários debates sobre o *bullying* e outros temas sociais. Provocou-se que todos opinassem de modo que o espírito crítico de cada um fosse aguçado. Introduzida a idéia central, procurou-se aprofundar a reflexão sobre o *bullying*. Filmes e vídeos sobre o assunto foram exibidos e discutidos, dentre os quais citamos o "Elefante" que aborda o *cyberbullying*, definido como “prática que envolve o uso de tecnologias da informação e comunicação para dar apoio a comportamentos deliberados repetidos e hostis praticados por um indivíduo ou grupo com a intenção de prejudicar outrem” (BELSEY, Cyberbullying.org, 2003, p. 1), e o *bullying* homofóbico, que está relacionado à “discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero, e possui dimensões psicológicas e sociológicas” (MEURER, STREY e PIASON, 2009, p. 3). Tais atividades se caracterizam como uma das três partes realizadas nas oficinas: a sensibilização, reflexão e discussão sobre temas sociais.

A segunda parte diz respeito ao ambiente publicitário, destacando o meio radiofônico. Foi abordado como a publicidade se estrutura e como funciona o processo de criatividade. Em seguida trabalhou-se o rádio, as particularidades da linguagem e a criatividade, e ilustrou-se esse conteúdo por meio de exibição de peças radiofônicas clássicas atuais e antigas. Essas atividades deram sustentação para a terceira parte da oficina: criação e produção de peças de rádio sobre os assuntos debatidos.

Foram trabalhados seis tipos de produtos radiofônicos: jingle, spot, radionovela, paródia, rádio comunitária e sonoplastia. Primeiramente, os alunos faziam a redação de roteiros adaptando-se a linguagem à mídia sonora. Após, eram orientados quanto técnicas de locução, adiante, gravavam as suas criações. Após o processo de produção, também visualizaram a etapa de pós-produção, durante a qual foram montados e tratados os áudios, resultando nos produtos sonoras finais. Todo este processo também contribui para a sensibilização auditiva dos participantes, reconhecendo princípios de música, voz, sons da natureza, sons do cotidiano humano, a importância do silêncio, do ritmo e da manipulação digital dos áudios para a sua transformação em efeitos sonoros. Ao final das oficinas, mais de vinte peças haviam sido produzidas, sendo que grande parte delas são ligadas ao tema *bullying*.

Relata-se também que esta oficina teve duração de 10 encontros, cada um com 4 horas, e ocorreram nas dependências dos Cursos de Comunicação Social da



Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, (na cidade de Santa Maria/RS). Concomitante a este trabalho, outras duas oficinas de igual teor ocorreram, ambas ligadas ao mesmo programa (Novos Talentos/CAPES), sendo uma delas com base na linguagem Audiovisual e a outra com base no desenvolvimento de Websites e Blogs.

O último encontro das três oficinas ocorreu de forma integrada, durante o qual todos (60 alunos das escolas e 30 alunos da UFSM) apresentaram suas respectivas produções. As apresentações foram assistidas por professores da UFSM e funcionárias da Coordenadoria Regional de Educação do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade extensionista é imprescindível no meio acadêmico, uma vez que auxilia a reforçar o compromisso que a Universidade tem para com a sociedade, compreendendo que extensão é estender-se à comunidade, de modo a levar a pesquisa e o ensino de forma adequada para além dos limites das IES. Sabe-se que é, especialmente por meio da atividade de extensão, que o desenvolvimento do espírito crítico do aluno acontece. Além disso, contribui para a aplicação da extensão e da pesquisa. Os graduandos inscritos na disciplina de Mídia e Políticas Públicas, no primeiro semestre de 2011, na Universidade Federal de Santa Maria, foram estimulados e orientados para participar do projeto de extensão *Novos Talentos: Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa* presente no edital Novos Talentos CAPES, o qual consistiu em oficinas educacionais ministradas por graduandos de Comunicação Social para alunos de duas escolas públicas da cidade de Santa Maria. A experiência possibilitou o contato com um contexto que, geralmente, está distante do cotidiano universitário.

Referindo-se à oficina de rádio, o resultado foi o desenvolvimento de produtos sonoros, os quais trataram de temas sociais relevantes ao cidadão, no intuito de incentivar a reflexão a respeito da participação social, política e ambiental na comunidade, bem como o exercício da cidadania comunicativa. O material produzido, que foi entregue aos alunos da escola que participaram da oficina, está também disponível na rede mundial de computadores através do site www.ufsm.br/novostalentos. A partir da execução do projeto, os alunos e os graduandos enfrentaram momentos de inquietação, de socialização e construção coletiva de conhecimentos e produtos comunicacionais. Visando proporcionar um clima diferente do que o vivenciado em salas de aula, o estúdio da rádio da UFSM



proporcionou, através da *Conexão de Saberes* (Programa do Governo Federal que visa estimular maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, com a devida troca de saberes, experiências e demandas), o desenvolvimento das potencialidades de todos os alunos envolvidos, tanto das escolas quanto da universidade.

A inserção dos alunos das escolas estaduais no âmbito da universidade foi percebida como uma oportunidade de aproximá-los do meio acadêmico, fazendo-os refletir sobre o futuro que desejam para si, principalmente pelo fato de que estão cursando o Ensino Médio e, em breve, terão que planejar o futuro que desejam para si. Houve a possibilidade, no decorrer das oficinas, de democratização dos conhecimentos da área de Comunicação Social por parte dos graduandos. O projeto estimulou a capacidade de trabalho em equipe, criatividade e a aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula a respeito de produções de áudios. A atividade de extensão contou a supervisão e auxílio da professora Rosane Rosa, a qual é a coordenadora do sub-projeto e de conteúdo, e do professor Luciano Mattana, coordenador de linguagens e desenvolvimento técnico, o que facilitou que aprendizado adquirido na Universidade se efetivasse a partir da aplicação prática junto à sociedade. Como resposta do trabalho desenvolvido, é um objetivo dos alunos que o projeto seja socializado, divulgado em eventos acadêmicos, compartilhando resultado com a comunidade.

O espaço da rádio transformou-se em um ambiente onde a prática da cidadania foi estimulada, uma vez que além de conceitos da produção de áudio, como a escrita, a pesquisa e a produção coletiva, foram construídos conceitos de responsabilidade para com o social, através da discussão de assuntos como uso de drogas, separação do lixo, doação de sangue, acesso à educação, entre outros, exercitando uma visão crítica sobre os direitos humanos e a consciência social. Ao mesmo tempo em que os graduandos se mobilizam a favor da comunidade, esta os ajuda a refletir, a observar, desenvolver uma visão mais crítica e uma troca de conhecimentos. Fazer com que o graduando desperte para seu papel social é um retorno, na recompensa advinda da prática de atividades de extensão, sobretudo porque se amplia a concepção de sala de aula para além das funções teóricas, técnicas e formais, contribuindo para a qualificação dos alunos do ensino básico, capazes de estabelecer e manter uma relação responsável com a sociedade como um todo.



REFERÊNCIAS

NETO, Aramis Antonio Lopes; FILHO, Lauro Monteiro; SAAVEDRA, Lucia Helena. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Disponível em: www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf. Consultado em: 07/04/2011 às 20 horas e 30 minutos..

SANTOS, Carleane. **Rádio Comunitária e Educação.** Disponível em: <http://carleteles.blogspot.com/2007/11/rdio-comunitria-e-educao.html>. Consultado em: 27/05/2011 às 13 horas e 25 minutos.

BAKYAYITA, Jasper.,et al. **Todos temos direitos.** São Paulo, SP: Ática, 2010. 4ª edição. 12ª impressão.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Políticas públicas: conceitos e conexões com a realidade brasileira. In: Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo.** Org.: Guilherme Canela. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2008.

DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania.** Campinas, SP: Papyrus, 2007. 10ª edição.

FONSECA, Andrea. **Educação e comunicação, um projeto de educação para todos.** São Paulo, SP: USP, 2001.

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural.** In: Revista Brasileira de Educação, n.5, p.15-24, mai/jun/jul/ago. 1997.

SALLES, Leila Maria Ferreira. **Adolescência, Escola e Cotidiano: contradições entre o genérico e o particular.** Piracicaba: UNIMEP, 1998.

PERUZZO, Cicilia. **Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil.** Recife, PE: UMESP, 1998.

MEURER, Bruna. STREY, Marlene Neves. PIASON, Aline. **Bullying e homofobia nos contextos de trabalho: um desrespeito as identidades de gênero.** 2009. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades: Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Salvador, 2009.